

ARMANDO MARTINS JANEIRA

LINDA INÊS

ou O GRANDE DESVAIRO

Prefácio
de Maria Leonor Machado de Sousa

Armando Martins Janeira

LINDA INÊS
OU
O GRANDE DESVAIRO
tragédia

Prefácio de Maria Leonor Machado de Sousa



Linda Inês ou O Grande Desvairo

Autor: Armando Martins Janeira

Revisão Literária: Paula Mateus

Aquarelas (Capa e Interior): Paulo Ossião

Fotografia do Autor: Ingrid Martins

Grafismo: TunaFish Design

Impressão e Acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

Depósito Legal: 233884/05

ISBN: 972-99857-0-7

© Pássaro de Fogo Editora e Ingrid Bloser Martins

1ª Edição – Novembro de 2005



esta publicação insere-se nas Comemorações
dos 650 Anos da Morte de Inês de Castro

LINDA INÊS
ou
O GRANDE DESVAIRO



PESSOAS

AFONSO IV, rei de Portugal

INÊS DE CASTRO

PEDRO, filho de Afonso IV

BEATRIZ, mulher de Afonso IV

ÁLVARO GONÇALVES, conselheiro de Afonso IV

PÊRO COELHO, conselheiro de Afonso IV

DIOGO LOPES PACHECO, conselheiro de Afonso IV

GÓIS, secretário de Pedro

MARIANA, aia de Inês

ARAUTO

MULHER DO POVO DE COIMBRA

1.^o HOMEM DO POVO

2.^o HOMEM DO POVO

3.^o HOMEM DO POVO

MADRE ABADESSA DO CONVENTO DE SANTA CLARA

CAPITÃO DE CAVALOS

BISPO DO PORTO

LAVRADOR DO PORTO

SOLDADO

ESCULTOR

CARRASCO

DOIS GUARDAS

GENTE DO POVO, NOBRES, PADRES

PRÓLOGO

As figuras compõem no palco grupos imóveis, sugerindo um expressivo friso de pedra. Destacam-se, ao centro, Inês, junto de Pedro, inclinado sobre ela num gesto de ternura; afastado, Afonso, régio e só; depois a Rainha, doce e piedosa, de joelhos, passa o seu rosário; ao fundo, os três Conselheiros, severos, de rosto fechado, envolvendo Afonso num olhar dependente, pronto à obediência e à lisonja.

O Arauto adianta-se até à boca do palco.

ARAUTO Senhoras e senhores,
vamos contar-vos mais uma vez
os desditados amores
de Dom Pedro e Dona Inês.

Do mundo é a história mais triste
que só pudera nascer
nesta terra enamorada
e dum Povo – o Português.

No homem, com uma espada,
na mulher, na água que corre,
não se pode pôr firmeza
tudo passa, tudo morre.

Só o Amor, quando ele abrasa
a alma inteira – puro e forte,
nada no mundo o apaga,
enche a Vida e vence a Morte.

Escutai a história mais bela e mais triste de Portugal. Aí tendes a formosa, delgada, e de cabelos de ouro, junto do seu Pedro. Treme nos seus olhos a tristeza sem esperança de quem sabe que em breve vai morrer. Olhai D. Afonso IV, só, cabeça vergada sob o peso das graves preocupações do Estado. Além, a Rainha, apagada e submissa, como mulher, passando as contas do seu rosário. Vede os três cruéis conselheiros, Álvaro Gonçalves, Pêro Coelho e Diogo Lopes Pacheco, pessoas austeras e de condição, daquelas que tiram proveito dos poderosos e dos pequenos, adulando uns para acalcanhar os outros – que ao cabo é do suor do povo que todos engordam e se engrandecem. Há um Secretário que, como todo o perfeito funcionário, é elástico e cortesão, e um Bispo, que nos seus exemplos desmentirá a palavra de Deus. Os mais figuram a gente simples e pobre que, ocupada no ramerrão da sua pequena vida, vai empurrando a suar o carro da História. (*Bate as palmas e grita para detrás do palco.*) Olá! É tempo de começar o espectáculo! (*Os figurantes saem, despercebidamente. O Arauto dirige-se ao público.*) Vós, que tendes um coração português, generoso e sentimental, deixai, como flores, abrir as pétalas das vossas almas receptivas. Depois, a caminho de vossas casas, meditai um pouco em vossas consciências na razão por que eu, que a represento desde há quatro séculos, ainda me divirto e choro ao contar, mais uma vez, a triste história de D. Inês e de D. Pedro, e por que vós, quais eternas crianças, a vindes escutar, sempre sequiosos da essência da Verdade, que só a Ilusão exprime. Dai atenção! Aí vêm D. Pedro e D. Inês.

*O Arauto desaparece. Entram Pedro e Inês.
A luz toma a tonalidade poética e irreal do Epílogo.*

INÊS *(com angústia)* Que procuras em mim? Sou mais do que o teu desejo, Pedro! Para lá do prazer há dor ainda...

PEDRO *(transportado)* Para lá do prazer há o sonho... e há os deuses da noite a velar o mistério do homem. O prazer é bom, espalha as sementes da vida.

INÊS Tem o sabor do bem e do mal... que estás ansioso de colher...

PEDRO *(cortando-lhe a fala com um beijo breve)* ... que ressuma da tua boca, como o leite amargo dos figos novos.

INÊS O vinho da alegria tempera-o Deus com as lágrimas...

PEDRO No primeiro dia em que te vi, o mundo encheu-se de maravilhas.

INÊS O mundo é bom para os que nascem fortes e se atrevem. Para os fracos, como eu, o mundo é duro, mete medo. *(Trémula de pressentimento.)* Tenho medo da Vida... A Morte está aqui ao meu lado... invisível... mas eu sei que está!

PEDRO *(arreatado, confiante)* Não há Morte onde há Amor. Vem!

INÊS *(receosa)* Para o Amor ou para a Morte, querido?

PEDRO Quem sabe? Só existe um caminho, não há escolha.

Pedro e Inês saem, enlaçados.

A luz torna-se real e crua.

Entram o Arauto e uma Mulher de Coimbra.

ARAUTO Aí tendes o nó de toda a história – dois jovens votados um ao outro por um amor tão grande que não cabe no mundo.

O Arauto retira-se. Pedro vem entrando, ausente, completamente alheado de tudo.

MULHER Os homens!... Vejam este!... diante de um incêndio de labaredas altas, mais airoas do que o sol! Labaredas deslumbrantes que abrasam e iluminam a pobre natureza humana. Ela, a infeliz, toda é ânsia, toda ela estremece das grandes verdades que o amor arrancou da sua carne, despertou na sua alma perplexa. Toda ela freme dos mistérios que roça. E ele, o Homem... Dizei-lhe que não é tempo de rimar versos nem de cismar nas estrelas, mas de rir, e de chorar, e de beijar a terra por lhe ter dado a Companheira... O Amor é um beijo de sangue em que a rosa da Morte floresce.

A Mulher de Coimbra sai.

ACTO PRIMEIRO

Distingue-se, pela primeira vez, a cena – o salão do Paço Real, em Lisboa, numa manhã de 1345. Pedro vem como a caminhar, absorto em pensamentos. Inês entra e, mal o vê, corre a abrigar a cabeça gentil no peito amado.

INÊS Pedro! Protege-me!

PEDRO Meu amor... colo de garça... corpo de ave... Tremes como um passarinho caído do ramo...

INÊS Tenho medo...

PEDRO De que tens medo, querida?

INÊS Ah! é tão bom sentir-me assim apertada nos teus braços... Desde ontem que te não vejo. Estava cheiinha de saudades... *(Pausa. Percorre-a uma onda de temor.)* Ao entrar no pátio do Palácio, dei com os três conselheiros... Discutiam com grande calor. Ao ver-me, calaram-se de súbito. Atravessei o pátio num silêncio gelado. O olhar deles trespassava-me como punhais. Tenho medo deles. Tenho medo de tudo. Todos estão contra nós. Olho à volta e não vejo um sorriso amigo. Estamos sós no mundo, Pedro, sós e perdidos.

PEDRO Oh, minha alma! Amo-te... Amo-te tanto! Esta saudade que me queima quando estás longe... este anseio que ao pé de ti me sufoca – a que só responde outro anseio ainda maior...

INÊS Tenho medo do amor... Quando os teus olhos me fitam, os meus fogem ainda de surpresa e de receio... Talvez seja muito nova para compreender as coisas grandes e estranhas que se passam em mim. Oh! como eu sou feliz!... uma felicidade tão grande que nela cabe ainda toda a dor e desventura...

PEDRO Antes de te conhecer, eram vazias as horas, e tudo me era indiferente. Comecei a amar-te – e despontou em mim esta alegria que me enche todo, como o sol enche a manhã. Minha Inês!

INÊS Que felicidade!... e que tortura... Vêm-me momentos em que me apetece deixar-te, fugir... Porque o nosso amor é pecado. Mas não tenho coragem. Se tu me deixasses, morria de pena. Beijaria as tuas pegadas e iria implorar-te, de joelhos, que voltasses. *(Com um terror nos olhos.)* Que me fizeste, Pedro, para ganhar este terrível poder sobre mim?

PEDRO *(profundo)* Amei-te.

INÊS Sou a tua coisa, Pedro, sou a tua escrava. Entreguei-me nas tuas mãos como a folha se abandona ao sabor da levada...

PEDRO *(acaricia-a, beija-a)* Meu colo de garça... corpo de lírio... boca de sangue e rosa... Sangue espesso e plebeu de tua mãe, que te dá a simplicidade, a chama, essa imaginação alada; do sangue nobre de teu pai, essa grandeza senhoril, essa altivez distante... Mulher de terra e céu feita... *(Contempla-a por momentos, silencioso; depois tira uma rosa da lapela e põe-lha nos cabelos.)* Foi assim que a primeira vez te declarei o meu amor... assim, sem palavras...

INÊS *(transportada)* Era o começo da Primavera. Sentia a noite doce sobre a minha pele. Todas as vozes e todos os perfumes da natureza penetravam o meu corpo. Era como se eu me tivesse dissolvido na noite e a minha alma fosse atraída pelos velhos ritos da terra...